

Papéis no exterior perdem valor

por Tom Camargo
de Londres

(Continuação da 1ª página)

Papéis mexicanos, depois que esse país acertou seu último programa multi-anual de reescalonamento, haviam melhorado substancialmente, mas ontem preocupações renovadas com o preço do petróleo jogaram-nos novamente para baixo.

Por volta das 4 horas da tarde de ontem, fortes rumores de que México e Equador estariam mantendo um encontro para tirar posição comum diante da queda do preço do petróleo — nesta altura, as telas dos negociantes mostravam a cotação do óleo equivalente ao arábico leve a cerca de US\$ 15,90 para entrega imediata — disseminaram insegurança entre diferentes setores do mercado financeiro e aumentaram a boataria sobre o “efeito dominó” da decisão brasileira de suspender o pagamento do serviço de sua dívida junto aos bancos privados.

“A situação é muito delicada”, disse a este jornal um funcionário graduado do governo britânico. “Estamos em contato permanente com outros gover-

nos para evitar, no momento certo, o início de uma reação negativa em cadeia, tanto por parte dos credores quanto por parte dos devedores.”

Segundo um funcionário menos graduado do mesmo departamento governamental, a disposição da comunidade bancária em relação ao Brasil seria menos belicosa do que os últimos relatos vindos de Nova York, e publicados ontem em jornais especializados como o Financial Times (“Bancos Assumam Linha Dura em Relação ao Congelamento dos Juros pelo Brasil”, dizia um título de primeira página desse diário econômico), poderiam fazer supor.

Ele disse ter informação firme no sentido de que tanto o Citibank quanto o Midland Bank, o primeiro o maior, o segundo um dos maiores credores brasileiros, teriam sido consultados antecipadamente sobre a suspensão dos pagamentos.

Ele indicou ainda outro sinal de continuado interesse pelo Brasil por parte de grandes instituições, lembrando que o próprio Midland está constituindo, junto com o grupo Mendes Jr. e o Banco Bamerindus, um outro banco para operar no mercado brasileiro.

União Nacional Papeis no exterior perdem valor

26 FEV. 1981

por Tom Camargo
de Londres

O valor dos papéis brasileiros no mercado de trocas ("swaps") financeiras bateu ontem em seu mais baixo ponto desde a eclosão da primeira crise da dívida.

Em Londres, onde instituições financeiras de porte, como o First Interstate Bank of California, participam de um ativo pregão oficial de títulos de risco soberano, papéis brasileiros de segunda linha foram negociados com até 34% de deságio — isto é, por 66% de seu valor de face —, uma cotação menor do que a obtida por papéis da mesma categoria de responsabilidade do Chile.

Um banco brasileiro foi consultado se gostaria de trocar um risco brasileiro de sua carteira pelo risco chileno da carteira da outra parte. Se o fizesse, teria direito a uma pequena comissão.

Na última segunda-feira, ainda era possível encontrar-se títulos brasileiros de primeira linha com um deságio máximo de 20 a 25%.

(Continua na página 24)

"Se não pagarmos ao prestador, ele pode processar-nos, e, se não fizermos o depósito no Banco Central, o máximo que nos pode acontecer é levar uma reprimenda", disse, ontem, em Londres, o representante de um banco brasileiro, após receber instrução de um banco regional norte-americano para não fazer o fechamento da posição junto ao Banco Central.